

Esperança nas Urnas

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

***“Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua.....”***

Cecília Meirelles

Este texto acontece quando começo a ter esperança sobre as eleições. O processo de dominância de um tipo de doença viral mutante, resultado de sentimentos como preconceito e rejeição, consumados em um tubo de ensaio sem humildade e discernimento, está levando o Brasil a um caminho perigoso, onde atitudes radicais que nunca foram o padrão brasileiro se espalham de forma rápida, epidêmica. Nesse momento, julgo relevante observar que a reação da sociedade virá nas eleições, tenho grande expectativa. O Brasil não suporta isso. Os mais pobres não apoiam esse estado de coisas.... o Brasil não é um país que admita esse retrocesso. A economia mostra sinais de esgotamento, assim como não se suporta mais o desleixo com o patrimônio público, as más ações com o recurso do povo, a corrupção deslavada, o cinismo e a falta de decoro dos homens públicos.

Estamos quase jogando fora anos e anos de esforços na estabilização da economia brasileira com as novas experiências de matriz econômica e velhos preconceitos, do tipo “arrasa quarteirão”.

No ano da Copa do Mundo, há também o risco do Brasil mostrar-se nú. Veio-me a história do rei e seu estilista, que inventou a roupa invisível a ele, mas que o povo a apreciaria.....

O momento vivido é tão grave que se pode senti-lo aonde se vá. O agravante de uma oposição silenciosa e de uma ação política a favor do continuísmo do ex-Presidente Lula, são motivos de apreensão e temor. O Brasil já viu filmes como esse antes e a minha geração, pós Getúlio, não merece uma volta ao passado. No segundo período getulista, havia dois tipos de animais políticos na lógica brilhante de Boris Fausto: os entreguistas (que defendiam o capital externo e reclamavam dos gastos públicos e da inflação) e os nacionalistas, que eram contrários aos EUA e tinham tendências estatistas....algo parecido com hoje??

Um exemplo rico e, na verdade, muito pobre dessas ações é o caso dos combustíveis. É uma infelicidade, um verdadeiro circo de horror o que se faz com um setor que naquela época era todo nacional e hoje internacionalizado, que é o agronegócio da cana-de-açúcar! Após anos de ganhos de produtividades crescentes, acima de 3% ao ano, ocorreu uma ação para médio e longo prazos, que foi a desregulamentação total desse setor, na produção e comercialização de seus produtos nos mercados interno e externo. Todos os subsídios foram eliminados e o mecanismo de valorização das externalidades positivas do etanol foi efetivado através da criação da CIDE, cobrada como uma moderna taxa de CO2, sobre combustíveis fósseis emissores desse principal gás do efeito estufa global. Mantiveram-se, assim, juntamente com o uso do etanol oxigenando a gasolina, as condições mínimas de uma política coerente. Tinha-se, pois, a melhoria da poluição local, regional e global, além dos impactos estimulantes de

uma entrada excepcional de recursos externos na produção e distribuição dos combustíveis renováveis e energia elétrica co-gerada, com geração de riqueza de forma descentralizada no país.

Após anos de Lula vender a imagem do etanol no mundo, incluída política pública brasileira para tal, o governo Dilma literalmente zerou a CIDE, jogou o etanol no colo da gasolina e está matando a Petrobrás.....

Outro exemplo devastador é o relativo à compra de terras por estrangeiros. Com teórico receio do que acontece na África com a “invasão” dos chineses, trancou-se o tema a sete chaves.....

Enquanto lideranças fundamentais do principal partido da situação estão presas, não por motivos políticos, a economia brasileira segue presa por motivos políticos e manter esta prisão será demolidor ao futuro dos nossos filhos e netos.



As eleições são o antibiótico a esse estado de coisas e há que se fazer mobilização efetiva...é preciso gritar e espalhar a razão.....não podemos permitir o domínio da ilusão bolivariana que tanto mal vem mostrando na América Latina. As entidades de classe, políticas e técnicas, precisam lançar-se na defesa dos interesses do Brasil produtor, antes que o pior aconteça e se mantenha o poder

dominante. Não há ilusão de volta às políticas anteriores, não com o atual sistema político no poder.

A capacidade de resistir do setor canavieiro, ou a sua capacidade de resiliência, está sob um stress não antes experimentado, com riscos muito elevados à sua manutenção em nível elevado. Um exemplo disso é a fragilização do canal deste ano, exposto à seca do verão. Muita gente ainda não se deu conta do que poderá acontecer com uma produção muito menor, sem margem e custos subindo, sobre uma base de elevado endividamento e muitas unidades paralisadas.

O processo de deterioração nas relações do setor produtivo com o governo federal foi um capítulo típico de preconceito, incompetência e falta de respeito? Foi ! Mas de que lado veio o grande problema?

Em 2002, quando das últimas políticas públicas ao setor sucroenergético, o setor privado ficou com a responsabilidade de montar e conduzir o Consecana, investir e expandir a oferta de produtos; por outro lado, o governo federal ficou com a responsabilidade de criar e manter a CIDE (a mistura de etanol na gasolina já era lei). Enquanto o produtor fez a sua parte e a mantém até hoje, além de fazer crescer a oferta em 10% ao ano entre 2004 e 2009, a partir da metade do 2º governo Lula e durante todo o governo Dilma o que se fez foi matar a CIDE e envenenar a Petrobrás.

É importante relatar isso, pois fui personagem ativo do período de 2002!

A queda de produtividade pós 2009 é uma verdadeira tragédia grega e o governo insiste no discurso da falta de investimentos pelo produtor! É uma cantilena kafkaniana, de inteira irresponsabilidade e que somente por isso mereceria um impeachment.

Trata-se da soma de produzir sem margens no etanol (maior parcela processada da cana moída) e correr os riscos de um mercado de açúcar livre para o Brasil mas altamente protegido nos nossos concorrentes. Já se vão 4 safras com excedentes de açúcar e 8 safras com subsídio à gasolina.

Trata-se de investir pesadamente (como ocorreu) na co-geração de energia elétrica para receber preços pressionados para baixo em leilões públicos com mistura de diferentes energias.

Trata-se, assim, de ver a produtividade média caindo e os custos médios subindo de forma acentuada. Enfrentar queda de remuneração em fase de forte crescimento do CAPEX, pela forçada mecanização, é difícil, maiores custos e, pior, sem reconhecimento.

O fenômeno climático da seca claramente reduz a capacidade de crescimento da planta cana-de-açúcar, mas não consegue tirar a fé do produtor por safras melhores onde se recupera o passo atrasado. O fenômeno da má fé política, no entanto, tem o poder de tirar a esperança, pois não é um fenômeno natural....no caso, é um desastre de proporções épicas.

O que mais impressiona nisso é a insistência com o erro, o que é irracional ou, pior, ideológico.

Segundo Contardo Calligaris, competente psicanalista, *“O poder, quando não é feito de graça divina, vem dos próprios cidadãos e é condicional: só posso reconhecer e respeitar a autoridade que me reconhece e me respeita. Uma autoridade que me desrespeita merece uma violência equivalente à que ela exerce contra mim”*.

Disse o Presidente Juscelino Kubitschek, *“não tenho compromisso com o erro”* numa alusão aos estadistas que mudam o rumo, nos erros cometidos. Isso não acontece para quem não é líder ou tem outros compromissos.

A campanha eleitoral está nas ruas e deverá atingir um complexo estado na medida em que a Presidenta vai caindo nas pesquisas eleitorais. É preciso a união dos produtores contra o continuísmo, pois ele será mortal ao setor.

Do Norte ao Sul, é preciso agir e cantar, em voz alta e em ações equivalentes, o que a esquerda cantava na ditadura de direita nos anos 1970: *“Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer”*.